

Introdução

Eu olhava a “tela” em branco na tentativa de, finalmente, dar início a esta dissertação, quando recebi a notícia de que morrera um dos maiores ídolos da música popular mundial. Junto com a notícia, a informação de que mais de mil pessoas se aglomeravam na porta de um hospital em Los Angeles desde a tarde de 25 de junho de 2009. Entre os dias 25 e 26 de junho, mais de setenta milhões de pessoas acessaram, em um portal da internet, o nome de Michael Jackson. Todos os noticiários, tanto impressos quanto televisivos, prestaram suas homenagens ao “Rei do pop”.

Diante do espanto provocado pela morte súbita, a primeira pergunta que se faz é: “como?” Como pode morrer um ídolo? A notícia chega, para muitos, como um desastre natural, e talvez o seja em alguma medida. Da noite para o dia uma multidão vê-se destituída do que fora uma referência identitária e cultural. O espanto é geral e incontáveis seguidores, agora órfãos, buscam uma explicação. Chegam notícias de um ataque cardíaco, mas como pode um ser onipresente e dono de tantas virtudes, um ser aparentemente sobre-humano, estar submetido, como nós, simples mortais, à fragilidade de um corpo, à incerteza do destino? Não parece plausível; então, num ímpeto apaziguador, o âncora do noticiário esclarece que também espera, ansioso, pelo exame necrológico. Deve haver uma explicação mais razoável, que nos permita acreditar no desaparecimento de um mito¹.

E o ritual que costuma acompanhar a morte dos grandes ícones - como o classificara a mídia - é, mais uma vez, promovido pelos fãs, com a única diferença de agora é, também, mediado pelos meios de comunicação. Na América do Norte presentes e cartazes enaltecendores são deixados por toda a parte: no local do óbito, na casa onde nasceu, na casa onde viveu. A multidão aglomerada na porta do hospital, passados os primeiros momentos de choque, começa a cantar e a dançar como o ídolo, em uma, talvez última, manifestação coletiva de celebração à sua figura. É o culto à celebridade. O termo “celebridade” reassume aqui uma proximidade com a sua definição tradicional e obsoleta, conforme esclarece P.

¹ Entendido aqui, segundo a acepção de Barthes (2007), como uma fala, um discurso, um sistema semiológico.

David Marshall, de uma celebração, ligada ao mundo pré-capitalista e aos ritos cerimoniais solenes (MARSHALL, 1997). De fato, gostando dele ou não, achando-o decadente ou não, não se pode negar que Michael Jackson tenha sido mais do que uma celebridade qualquer, dessas que evanescem da memória com a mesma facilidade com que as reconhecemos. A comoção é global, os noticiários entrevistam gente da Ásia e da África e não parece restar dúvida de que sua contribuição cultural e artística, cunhada numa genialidade singular, lhe garantirá um lugar na posteridade.

É o caráter particular de Michael Jackson² que, operando uma mediação entre o herói clássico e um tipo de celebridade moderna, nos permite, nestas breves observações, não só distingui-lo de outras personalidades públicas da esfera do entretenimento por ser um dos últimos “heróis” da modernidade³, mas também nele identificar resquícios do nosso passado histórico. Sua imagem, assim como a de outras personalidades públicas, revela que o mundo pré-moderno, de alguma forma, sobrevive na contemporaneidade e entalha, nessas figuras, um código genético que nos permitirá compreender melhor o que o sociólogo inglês Chris Rojek chamará de cultura da celebridade (ROJEK, 2008).

A morte de um ídolo moderno costuma ser um claro indício da existência desse gene, pois deixa patente a sobrevivência do rito como instância de reorganização social necessária diante da perda de um dos membros eminentes do grupo. Outro indicador do passado sobrevive em algumas das alcunhas que emprestamos a determinadas celebridades e que são capazes de manter vivos conceitos que a modernidade relega ao desuso operacional-institucional dentro da sua reorganização de mundo, embora permaneçam como referências simbólicas ainda que apenas nominalmente. Refiro-me aqui à figura do Rei – o “Rei do pop” – e à outrora sagrada imagem do ícone que, segundo Leo Braudy, reaviva, sob a aparência do ente famoso, a possibilidade de transcender o tempo histórico a que estamos, fatalmente (!), submetidos (BRAUDY, 1986). O ícone do mundo moderno, dirá o autor, incorpora, assim como o ícone da tela do computador, o

² O cantor conjuga, sob sua assinatura, um talento aparentemente inato com as marcas do trabalho duro, ostentando, como veremos, os componentes essenciais da mitologia do estrelato.

³ A utilização do vocábulo “herói”, como veremos, implica o reconhecimento de uma grandeza humana que impele o homem a ações que transcendam sua existência corpórea. Daí ser um termo muitas vezes tido incompatível com a modernidade, uma vez que hoje a maioria das personalidades que celebramos, não passam de imagens que já não implicam necessariamente qualquer grandeza de caráter ou mérito.

passaporte para uma outra dimensão. É a transcendência possível em um mundo dessacralizado, outrora garantida pela vida após a morte.

Ao derrotar as antigas instituições hierárquicas e normativas do *ancien régime*, o mundo moderno⁴ ver-se-á fadado a estabelecer continuamente novos paradigmas, na tentativa de garantir ordem, coesão social, estabilidade a um mundo incerto que produz sujeitos cada vez mais fracionados e angustiados com a perda da unidade identitária. Assim, a modernidade inaugura uma nova era em que se faz necessário substituir um Deus morto; renegociar com a ideologia cristã a morte e seus efeitos revendo os conceitos de transcendência e permanência; cimentar uma democracia nascente; administrar as massas que se concentram nos novos centros urbanos. Pelas mãos de Max Weber surge a figura do líder carismático e, no rastro das evoluções técnicas desponta a indústria do entretenimento; desde o século XVII a história vem desvelando os elementos fundamentais para a constituição de uma ideologia que logo se tornaria hegemônica e que, valorizando e fomentando a superficialidade, a fugacidade, o presente, os ideais de democracia, liberdade, individualidade, amor, prazer, intimidade e autenticidade, iria desembocar na atual cultura da celebridade.

Nesta dissertação (- como na realidade, de resto -) as estrelas de cinema receberão atenção especial. No entanto, é preciso esclarecer de antemão que tanto para os propósitos deste trabalho quanto para os autores a que fazemos referência, os termos estrela e celebridade guardam certa equivalência. Segundo P. David Marshall (1997) as estrelas de cinema ostentam uma “face-celebridade” quando, com a ajuda da publicidade, sua presença ultrapassa o texto fílmico e é incluída em outros discursos populares que terão o condão de deslocá-la para o centro econômico da indústria cinematográfica e ampliarão sua autonomia com relação ao estúdio.

Estrela seria, portanto, um ator com valor de mercado, vale dizer, com poder de celebridade, o que lhe seria proporcionado pela publicidade do nome e do rosto que, espalhados pelos textos extra-fílmicos, têm sua significação aumentada. O surgimento destes textos, e em específico dos que tratam da vida privada dos atores, marcará, segundo Richard deCordova (2001), o nascimento das estrelas e,

⁴ Que, para os propósitos deste trabalho, identifica-se com a Era Burguesa, apesar de considerarmos importantes os indícios que surgem ainda na Idade Média, mas que vão se consolidar a partir do século XIX como marcas deste mundo moderno, tal qual a noção de subjetividade, a ciência e a racionalidade. Elementos que eclodem no mundo moderno, mas que germinaram antes dele.

para Joshua Gamson (1994), a irrupção das celebridades, o que permite ao último operar, finalmente, a equivalência entre os termos, e referir-se às estrelas como celebridades do cinema.

Jeanine Basinger irá acrescentar ainda um terceiro vocábulo para se referir às estrelas de cinema que surgem depois da derrocada do chamado *star system*: *neo-stars*. Novas estrelas que não podem ser consideradas estrelas *strictu sensu*, uma vez que não foram fabricadas pelas engrenagens do sistema do estrelato, mas que permanecem tendo papel economicamente relevante na indústria cinematográfica. Assim, a palavra estrela, neste trabalho, parte dessas definições para significar a exposição pública de uma personalidade que foi convertida em produto de compra e venda. Ou seja, o termo vale tanto para as estrelas fabricadas pelo *star system* quanto às neo-estrelas, e consideraremos ambas, celebridades. É preciso, então, esclarecer o uso que faremos do vocábulo celebridade. Podemos ler, no Dicionário Houaiss, as seguintes acepções para o termo: “1 qualidade do que é célebre; 2 solenidade que caracteriza uma cerimônia pública; celebração; 3 reputação bem estabelecida; fama, notabilidade, renome; 4 pessoa célebre, afamada, ilustre; 5 o que é incomum ou extravagante”. No Brasil a forma mais corriqueira de se usar a palavra é a da quarta acepção do dicionário. Para os propósitos desse trabalho, no entanto, será preciso estar atento às outras conotações do vocábulo, pois elas também serão utilizadas.

No intuito de dar coesão e unidade ao trabalho, dentre os inúmeros tipos de celebridade que vemos surgir todos os dias – cada um deles guardando suas especificidades – concentraremos nossa atenção nas celebridades que pertencem ao universo do entretenimento e, mais especificamente, àquelas ligadas às artes cênicas, vale dizer, “atores” e “atrizes”. Isto por dois motivos: atores, como ensina Richard Dyer, acumulam significações sociais ao combinar suas próprias imagens de figuras célebres às de seus personagens, o que os converte em um rico feixe de significados e representações vivas dos tabus e valores de uma sociedade (DYER, 2007b). Assim, mesmo que representem, na maior parte das vezes, identidades socialmente aceitas, os atores são capazes de conferir uma inflexão única aos estereótipos. O que chega ao espectador é então uma sobreposição de imagens que oferece um signo complexo, rico de significações e diferentes possibilidades de decodificação. Um fenômeno em grande parte alimentado pelo *star system* norte americano.

Outras questões se colocam em relação às celebridades: quando se tornaram um elemento tão central de nossas existências? Por que somos tão fascinados por elas, a ponto de deturpar um antigo conceito só para que possamos elevá-las à categoria de heróis modernos? Como e por que se tornaram as protagonistas absolutas do Ocidente nesta modernidade tardia? Por que a fama, o desejo de ser reconhecido pela sociedade, tornou-se, para muitos quase que um imperativo?

Esse questionamento busca nas origens da idade moderna as inclinações culturais e econômicas que marcam nossa ocidentalidade e que estão indubitavelmente na gênese da república do entretenimento⁵ e da cultura da celebridade. A partir daí, destacando o papel que têm as figuras públicas do entretenimento como representações e idealizações individuais e coletivas, busco traçar os caminhos que nos conduzem ao frenesi que, atualmente, envolve a celebridade.

É interessante notar, no entanto, que, ainda hoje, a maior parte das publicações que as universidades brasileiras geram sobre o assunto é fruto de estudos de caso e análises empíricas. Pesquisas, certamente, extremamente válidas, mas que não suprem a lacuna gerada pela ausência de estudos que se proponham a encarar a questão de forma mais conceitual. Por isso, partimos para a realização de um trabalho cujo enfoque é propositalmente teórico. Não nos interessam os mexericos da Candinha ou de quem quer que seja; não queremos ser flagrados sobre os joelhos diante de um buraco de fechadura qualquer, isto deixamos para as revistas de fofoca. O que estamos propondo através dessa dissertação é que, também no Brasil, comecemos a olhar com mais atenção para este tipo de fenômeno contemporâneo que, embora ocupe tanto espaço em nossos cotidianos, vem sendo tão frequentemente subestimado por nossos intelectuais e artistas; a escassez de estudos e publicações teóricas sobre o assunto circulando no Brasil é testemunho da pouca atenção que aqui se dá ao tema.

Para levarmos a cabo esta proposta de realizar um trabalho teórico mais aprofundado foi preciso, então, recorrer a bibliografia estrangeira, quase sempre de difícil acesso, elaborada por autores que vêm encarando com mais racionalidade essa matéria. Uma extensa pesquisa bibliográfica nos conduziu a estes sociólogos,

⁵ O termo é de Neal Gabler, que se refere à sociedade norte-americana. Uma expressão de que nos apropriamos para tratar de um componente que muitas das sociedades ocidentais encampam, ainda que não tão hegemonicamente: a atenção e importância que se dá ao entretenimento e seus subprodutos, dentre os quais, a celebridade.

historiadores e estudiosos da comunicação que, com seus trabalhos, fornecem um solo histórico sobre o qual estruturamos uma argumentação atenta, sobretudo, à formação histórica de um imaginário alimentado pela mídia. Assim, ao mesmo tempo em que facilitamos a circulação destes autores - a maioria deles ainda não traduzidos - no Brasil, temos a preocupação de, com esse trabalho, propor um novo olhar sobre a celebridade, vinculando-a a um fenômeno comunicacional que não pode ser dissociado de um contexto histórico, social, político e econômico.

Se nos aventurarmos pelos caminhos da história implica necessariamente em privilegiar a realidade norte-americana porque ela desenvolve, dá contundência metodológica e espraia mundialmente o *star system*, entrevistas realizadas com editores de duas grandes revistas nacionais de celebridades, nos ajudam a tecer alguns comentários a respeito de peculiaridades do Brasil e sua inclusão nesta rede mundial de celebridades. Usando parte destas valiosas conversas como exemplos ilustrativos e tendo por suporte o material bibliográfico selecionado, costuramos o raciocínio dos autores citados, na tentativa de traçar um caminho original capaz de nos conduzir de maneira séria e aprofundada através de nossos questionamentos. Faíscas de um humor sagaz ficam a cargo de Woody Allen que, vez por outra, vem em nosso socorro e, com passagens de seu filme *Celebrity* ajuda nossas estrelas a conduzirem este trabalho.

O estudo compõe-se de três capítulos. O primeiro é uma breve retrospectiva histórica em busca de pistas que possam levar ao fenômeno contemporâneo da paixão coletiva pelas figuras públicas provenientes, sobretudo, da esfera do entretenimento. Esse trilhar exige um olhar cuidadoso para o vocábulo celebridade, suas raízes e conotações.

O segundo capítulo trata do sistema do estrelato, que, no início do século XIX, já informava as companhias de teatro norte-americanas e depois ganhou vulto no cinema, transformando atores e não-atores, indiscriminadamente, em estrelas, este tipo peculiar de celebridade.

O terceiro capítulo fecha o trabalho tratando da máquina contemporânea que nos envolve e precipita uma nova realidade interna e externa capaz de criar celebridades com uma rapidez espantosa e de imiscuí-las em um cotidiano, agora espetacularizado, que serve de estufa a uma engrenagem cada vez mais eficiente.